

Do “mais moderno da América” ao estádio “raiz”: O Estádio de São Januário e sua ressignificação

From the 'Most Modern in America' to the 'Grassroots Stadium': The São Januário Stadium and its Reinterpretation

Enviado em: 31-10- 2023

Aceito em: 12-12-2023

Lucas Nascimento de Mattos¹

Márcio Piñon De Oliveira²

Resumo

O Estádio Vasco da Gama, mais conhecido como “São Januário”, é a casa do C.R. Vasco da Gama, clube com sede na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado em 1927, é um espaço de memória, reconhecido como patrimônio histórico, cultural, desportivo e social da cidade. Através dos diferentes usos estabelecidos, Gilmar Mascarenhas (2017) define esse estádio como uma “força estranha”, que mantém características do futebol de outrora, resistindo ao novo modelo de arenas esportivas. Na atualidade, é discutido um projeto de reforma do estádio, indicando uma possível exploração de um patrimônio cultural por agentes imobiliários. O presente trabalho busca analisar a ressignificação pela qual passou o estádio, e sua relação com as dinâmicas urbanas. A metodologia consiste em pesquisa em jornais e revistas antigas e atuais.

Palavras-chave: Estádios; patrimônio; modernização.

Abstract

The Stadium Vasco da Gama, more commonly known as "São Januário", serves as the home for the C.R. Vasco da Gama football club, based in Rio de Janeiro. Opened in 1927, it stands as a city memory landmark, acknowledged as a historical, cultural, sporting, and social heritage of the city. Through its various established uses, Gilmar Mascarenhas (2017) describes this stadium as a "weird force", maintaining features of bygone football, resisting the new paradigm of sporting arenas. Presently, there is a discussion regarding the stadium's renovation project, indicating a potential exploitation

1 Estudante de Doutorado em História Contemporânea pela Universidade de Barcelona, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas (NEURB-UFF) e do Grupo de Estudos Mundo Dentro e Fora das 4 Linhas (GEMDF4L). Possui mestrado, graduação e licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: lucas.nmattos@gmail.com

2 Geógrafo e Professor Titular no Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Fluminense, RJ/Brasil. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991). Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1999), e pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2010/2011), Paris/França. Atua na área de Geografia Humana, com ênfase em Geografia Urbana, principalmente nos seguintes temas: políticas urbanas, estudos sobre a metrópole, cidade e cidadania, território e territorialidade, patrimônio e memória urbana. E-mail: marpinon@hotmail.com

of a cultural heritage by real estate agents. This study aims to analyse the reinterpretation undergone by the stadium, and its relationship with urban dynamics. The methodology involves research in both old and current newspapers and magazines.

Keywords: Stadiums; Patrimony; Modernization

Introdução

O futebol, mais do que apenas um esporte, é um reflexo das normas, políticas e cultura da sociedade (SANTOS, 2021). A interação entre futebol e vida na cidade cria um diálogo envolvente, onde o futebol, suas instituições e torcedores, atuam como criadores e criaturas, produtos e produtores do espaço urbano, e a análise desse esporte fornece informações sobre a evolução das paisagens urbanas e mudanças culturais (MATTOS, 2022).

Em vista disso, os estádios de futebol, principais palcos da prática desse esporte, se apresentam como interessantes objetos de estudo, a partir de suas dinâmicas internas e externas. O presente trabalho busca apresentar e analisar a ressignificação pela qual passou o Estádio do Club de Regatas Vasco da Gama, conhecido por São Januário, nesses quase cem anos desde sua inauguração: de uma das mais modernas e rentáveis praças esportivas do mundo em sua inauguração (MATTOS, 2022), a um estádio visto como pequeno, ultrapassado e deficitário na atualidade, e a relação desse processo com as dinâmicas urbanas da cidade do Rio de Janeiro.

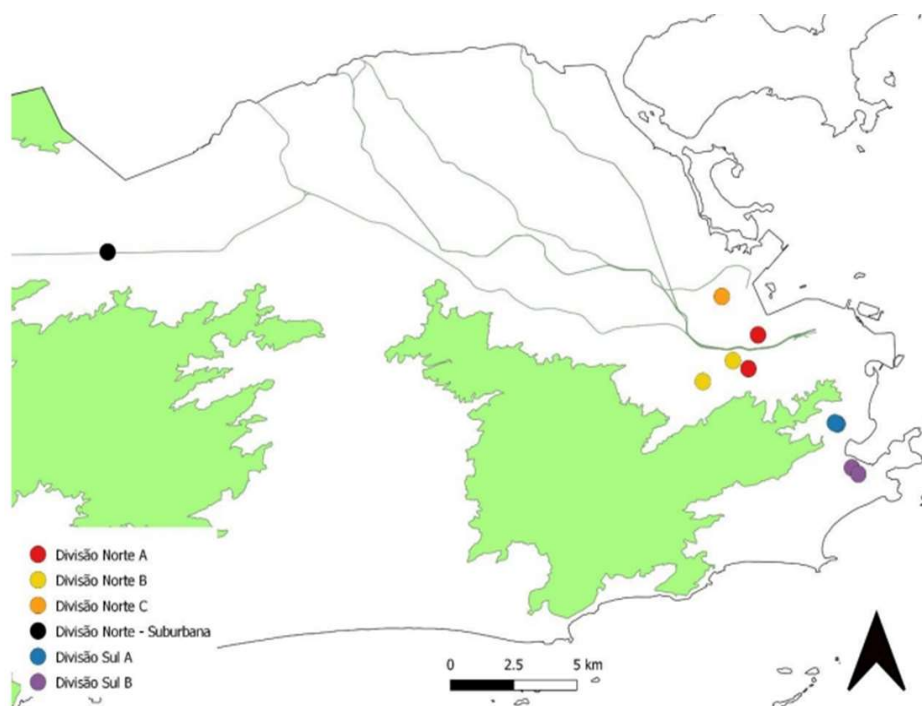
Essas diferentes representações e discursos sobre o estádio serão apresentadas durante o texto, através de notícias de jornais e revistas obtidas através de um levantamento de notícias de jornais e revistas entre 1925 (ano do início do projeto de construção do Estádio) até os dias atuais.

O texto se guia a partir de uma linha do tempo, que divide as transformações em três períodos: o primeiro, entre 1925 (início do projeto de construção) e 1950 (construção do estádio do Maracanã); o segundo, entre 1951 e 1997, marcado pela centralidade do Maracanã e nas mudanças na estrutura dos estádios brasileiros, cada vez maiores; e o terceiro, entre 1997 e a atualidade, marcado pelos diversos projetos de modernização do estádio, em um contexto de intensificação da crise urbana capitalista, que escancara suas

contradições também através do futebol a partir do modelo das novas arenas “multiuso”.

Panorama socioespacial do futebol carioca na década de 1920

O futebol, historicamente, tem suas raízes na aristocracia, e o cenário carioca reflete essa origem. Introduzido na cidade do Rio de Janeiro no crepúsculo do século XIX por imigrantes britânicos e jovens estudantes pertencentes às elites socioeconômicas, a disseminação geográfica e social deste esporte experimentou transformações graduais ao longo das primeiras décadas do século XX. Contudo, a partir da década de 1920, tais metamorfoses tornaram-se mais acentuadas (Figura 1).



Fonte: Dados do Jornal “O Imparcial”, 16 de março de 1928

Figura 1: Campos de futebol divididos por divisões (regiões) pela Liga metropolitana em 1928. **Fonte:** MATTOS (2022).

No mapa, é possível observar a divisão da cidade em diferentes regiões (divisões), a partir das arenas esportivas dos clubes pertencentes a principal liga de esportes terrestres do Rio de Janeiro no ano de 1928. Abreu (1987) afirma que a cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX

cresceu a partir de dois eixos de expansão, sendo o primeiro localizado no entorno do maciço da tijuca e marcado pela expansão do tecido urbano a partir dos bondes, enquanto o segundo se expande para o norte do maciço, circundando as linhas de trem. O mesmo autor complementa que a criação desses dois eixos contou com bases ideológicas nas quais dois meios de transporte, os mesmos que permitiram o crescimento da cidade, se tornaram símbolos das classes que portavam: os bondes, promotores da modernidade que transportavam as altas classes, e os trens, que funcionam como locomotivas do operariado.

Mattos (2022) observa que as bases ideológicas da segregação da cidade também poderiam ser observadas através da representação dos clubes do futebol carioca. O Bangu AC, clube representante da denominada região Norte-Suburbana, era constantemente tratado como uma equipe com seguidores violentos (SOUZA, 2017). O mesmo não ocorria com os clubes da zona mais rica da cidade, a atualmente chamada Zona Sul do Rio de Janeiro (divisão Sul, de acordo com a classificação do mapa 1), ainda que episódios de violência nos jogos desses clubes fossem retratados constantemente em jornais da época.

O protagonista do nosso estudo, o estádio de São Januário (círculo laranja), inaugurou uma nova região na Liga Metropolitana de Esportes Terrestres, a chamada Divisão Norte C. Localizado no bairro de São Cristóvão, o estádio do Vasco da Gama se localizava, ao contrário dos outros estádios da divisão Norte, em um bairro de ocupação estreitamente ligada à linha do trem. De início, a localização do estádio de São Januário não vai ser uma questão tão discutida nos jornais, que se fixaram mais nas suas inovações arquitetônicas e na sua grandiosidade. Porém, as narrativas mudam conforme a passagem do tempo.

Primeira identidade - O “grandioso” estádio, digno dos mais diversos usos políticos e culturais (1925-1950)

Considerando o contexto de mudanças no futebol e nas cidades, Mascarenhas (2014) ressalta que “mais incisivamente entre as décadas de

1920 e 1970, os estádios apresentaram expansão contínua em escala planetária” (p.163), principalmente na Europa e na América, sendo a primeira fase dessa expansão impulsionada pelo capital privado.

“Em suma, aquele modelo de estádio, reduto exclusivo da elite e de seus rituais de modernidade, não poderia sobreviver ao crescimento do interesse pelo Futebol, que se expande e se populariza na segunda e terceira décadas do século XX, tampouco aos interesses comerciais envolvidos com a formação de uma nova e promissora vertente da indústria do entretenimento Urbano” (Mascarenhas, P.114)

O trecho destacado mostra que na época citada (segunda e terceira décadas do século XX), o futebol vinha se popularizando e os estádios seguiam esse caminho. O caso de São Januário, estádio feito a partir do investimento do quadro social vascaíno e empréstimos contraídos, construído por uma construtora Internacional (A Christiani e Nielsen, de origem Dinamarquesa) é um excelente exemplo da “primeira onda” de grandes estádios no Brasil.

Além de um estádio com grande capacidade, pronto para receber a legião de aficionados pelo futebol que se formava, o Estádio de São Januário se destacava pelas suas inovadoras características arquitetônicas, como o uso do concreto armado, técnica de construção recente no país e a fachada neocolonial. Antes mesmo de sua construção, o Estádio Vasco da Gama já era retratado pela imprensa da época como uma importante obra para a cidade, simbolizando a pujança e modernidade de um Rio de Janeiro que se industrializava, como exemplificado pelo colunista Julio de Azurém no Jornal do Brasil do dia 8 de junho de 1926.

O STADIUM DO VASCO

Domingo foi dia de bola branca na história dos melhores elementos de arrojado executados em nossa capital. Quem o assinalou foi o Club de Regatas Vasco da Gama, lançando a pedra fundamental no seu grandioso stadium, nos terrenos da antiga “Chacrinha do Imperador”, em S. Januário. O que vai ser esse soberbo campo desportivo não está nos moldes desta secção assinalar. Basta, porém, que se diga vai o mesmo representar o que de melhor e de mais modelar possa existir no mundo inteiro, para constituir – como amanhã succederá com o hipódromo do Jockey Club, na Gávea – o maior orgulho do Rio de Janeiro. Bemquerenças sem fim possam sempre desfrutar os que, pelo

entusiasmo ardoroso votado às pugnas desportivas, vão levantar, na capital do país, a mais gigantesca árvore, a cuja sombra, colhendo ótimos frutos, as gerações que hoje despontam, irão deparar, para os embates da vida, o melhor aparelhamento de victoria que se lhes poderia legar.

O financiamento era uma outra inovação para a época: o clube abre diferentes fontes de arrecadação. Além das doações realizadas pelos sócios, o clube capta recursos através da emissão de debêntures. Em entrevista ao Jornal "Lance!", o historiador Walmer Peres explica como funcionava a arrecadação.

"O Vasco tomou algumas atitudes para poder levantar recursos, uma delas foi a de debêntures no mercado, ou seja, o sujeito comprava o título e depois receberia o valor com juros. A outra questão era pleitear o aumento do número de sócios. A famosa 'Campanha dos 10 mil', na verdade era para alcançar 10 mil sócios. Em 1927, na época da inauguração do estádio, o Vasco ultrapassa o Fluminense e se torna o clube da capital federal com o maior número de associados. Fora as doações esporádicas. É óbvio que o Vasco recebeu doações de sócios mais abastados. Mas as duas grandes políticas eram a emissão de debêntures e convocar a colônia portuguesa e quem se sentia ao lado do Vasco. A base dessa campanha foram pessoas de camadas mais populares, donos de botequins, não foram somente os comerciantes que tinham dinheiro. Tinham também os sócios mais humildes, que deram o pouco que tinham, mas deram e contribuíram para a construção do estádio."

A construção do Estádio de São Januário é, ao modo da época, um exemplo do caminho mercantilizado e até mesmo financeirizado que o esporte tomaria nas próximas décadas: O sócio era credor de seu próprio clube. Esse modelo de negócio foi importante para a construção do estádio, porém será apontado como parte do problema em um futuro não tão distante. O clube não conseguiu terminar a obra de acordo com seu projeto inicial, e se viu asfixiado financeiramente nas décadas seguintes, devido ao pagamento das dívidas contraídas na construção do estádio.

Porém o Estádio São Januário não foi apenas um palco para competições esportivas, mas também uma arena que refletiu e moldou acontecimentos culturais e políticos significativos no Rio de Janeiro e, por extensão, no Brasil. No contexto cultural, à sombra da Segunda Guerra Mundial e do crescimento do rádio como meio de comunicação de massa, o

estádio acolheu shows e espetáculos que buscavam fortalecer o sentimento de brasilidade, servindo como contraponto às influências externas e promovendo a cultura popular brasileira. No ano de 1940, recebe o maestro Heitor Villa-Lobos, um dos principais nomes da música brasileira, como regente de mais de 40 mil vozes de jovens estudantes cariocas.

Politicamente, o estádio também teve relevância. Durante o Estado Novo, a instrumentalização do esporte como ferramenta de propaganda política era evidente (Figura 2). O governo de Getúlio Vargas viu no futebol uma maneira de promover sua agenda nacionalista. Neste contexto, São Januário foi o palco escolhido para a celebração do Dia do Trabalhador (1º de Maio) nos anos de 1940, 1941, 1942 e 1945. O estádio do Pacaembu, em São Paulo, também foi palco das celebrações do 1º de Maio, no ano de 1944. São Januário se tornou tão forte no imaginário político carioca e brasileiro, que há, ainda hoje, uma crença de que Getúlio Vargas promulgou a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) no próprio estádio vascaíno, o que não é verdade, ou ao menos não há nenhum registro histórico que afirme o fato.



Figura 2: Desfile em celebração do dia 1º de maio no Estádio de São Januário, 1942. **Fonte:** <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/estadio-sao-januario-historia-1-de-maio/>

Em resumo, São Januário não foi apenas um local de competições esportivas, mas um espaço reconhecido por sua grandiosidade e modernidade, onde se entrelaçam manifestações culturais e políticas, refletindo as transformações e tensões do Brasil da época.

O Rio corre para o Maracanã, mas a barreira é do Vasco (1950-1997)

Enquanto a construção de São Januário, em 1927, representava o maior estádio da América Latina, o Estádio Municipal (Maracanã), inaugurado em 1950, ultrapassa todos os limites da época: o maior estádio do mundo, em dimensões e capacidade, construído para receber os jogos finais da principal competição de futebol do mundo, o mundial de seleções.

Enquanto a geração anterior de estádios brasileiros (da qual o Estádio de São Januário era um dos grandes expoentes) se baseava no financiamento privado, Damo (2021) afirma que o Maracanã é o grande exemplo da seguinte geração.

O Maracanã é um ponto de inflexão importante porque demarca a presença ostensiva do Estado como agente esportivo, tanto no financiamento de estádios quanto no disciplinamento da população futebolística. O Maracanã foi um projeto utópico e como tal permeado de ilusões, mas independente disso influenciou quase todos os estádios que seriam construídos nas três décadas seguintes. (p.232)

Essa terceira geração de estádios é marcada, ainda segundo Damo (2021) por duas grandes marcas: a colossalidade e a segmentação dos públicos, em um modelo de distribuição mais condizente com a sociedade de classes e com a concentração de grandes jogadores em um número reduzido de clubes a partir da profissionalização do futebol. Sendo assim, era natural que o Maracanã tomasse a centralidade do futebol carioca e brasileiro, atraindo inclusive clubes com estádios próprios como o Vasco da Gama. O jornalista e pesquisador André Schmidt afirma³ que o clube, a partir de 1950, jogou mais partidas no Maracanã que em seu próprio estádio, São Januário.

Porém, não é correto afirmar que São Januário se tornou “secundário” para o Vasco. O estádio passou a ser a principal sede do clube (esportiva, administrativa e social) a partir da década de 1970, estreitando as relações do clube com o entorno, entorno este que havia sofrido transformações intensas.

A proletarização do bairro de São Cristóvão traz consigo o adensamento populacional e expansão de ocupações populares, como as que deram origem

3 <https://www.lance.com.br/colunas/garone-vasco-mostra-que-o-maracana-tambem-e-sua-casa.html>

à favela do Tuiuti e à chamada Barreira do Vasco. A origem dessa última, segundo Bezerra e Mesquita (2023, p. 113) é diretamente ligada ao clube.

A ocupação do espaço fez-se de maneira similar ao que acontecia no Rio de Janeiro como um todo: famílias humildes, sem lugar para morar, ocupavam espaços de moradia de maneira desordenada. A habitação na área foi aumentando e encontrou uma barreira como limite de crescimento, a qual dá origem à designação da favela que tem nome de time: a Barreira do Vasco

Bezerra e Mattos (2023), sobre a relação do clube com a Barreira do Vasco, afirmam que:

Nessa seara de visões distorcidas sobre a vizinha, até mesmo o desaparecimento da Barreira foi tratado como possibilidade visando a melhor condição para realização dos jogos. Todavia, o Vasco da Gama, em 1973, doa uma parte do seu terreno para que o governo do estado prolongasse uma das vias de acesso, onde qualquer possível ideia de remoção fosse descartada.

Por um lado, o processo de popularização do bairro foi importante para a construção da identidade atual do clube, como clube popular e de resistência, a ponto do clube levar em sua página web oficial a frase “O clube que luta contra o racismo”, além de uma grande faixa em seu estádio com a frase “Barreira do Vasco, a casa do legítimo clube do povo” (figura 2). Porém, as relações com a favela também trazem consequências negativas, como as constantes reclamações sobre falta de segurança e conforto no estádio.

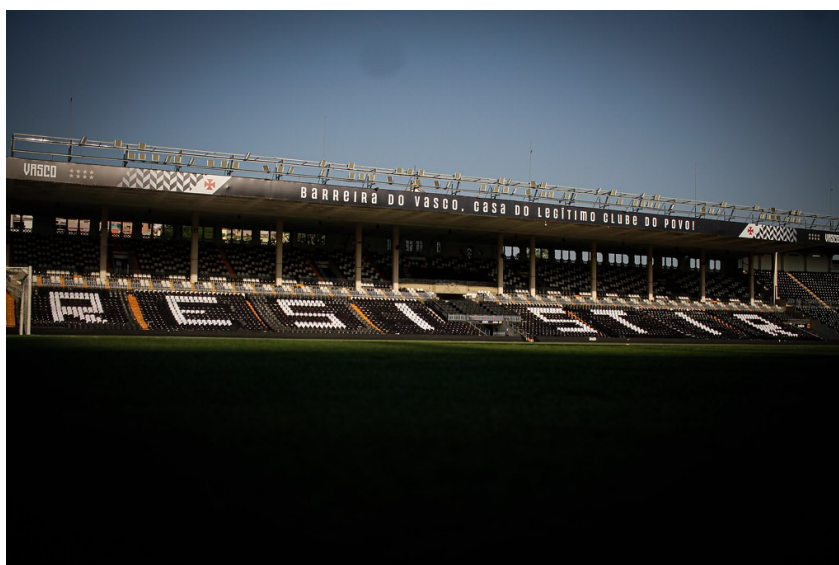


Figura 3: Estádio de São Januário e a faixa “Barreira do Vasco, casa do legítimo clube do povo!” acima da social e de frente para as cabines de rádio e televisão. **Fonte:** CRVG

Durante a década de 1970, observa-se um interessante debate nos jornais esportivos cariocas sobre os problemas e possíveis soluções para o estádio de São Januário. A principal reclamação girava em torno do acesso ao estádio, que seria feito por ruas muito estreitas e de difícil acesso. O presidente do clube, Agathyrno da Silva Gomes, em uma entrevista para o Jornal dos Sports do dia 10 de Janeiro de 1971, afirma que:

Alegam que o maior problema é o acesso ao estádio, mas não concordo com isso (...) Ninguém sabe, mas uma pequena urbanização feita pela SURSAN colocará São Januário mais perto da torcida que o Estádio Mario Filho. Precisamos apenas rasgar alguns metros de rua para que São Januário se comunique diretamente com a Avenida Brasil, e possa ser acessado à pé por quem nela saltar.

Durante essa entrevista, titulada pelo jornal de “ Velho estádio ainda está novo como nos dias de glória”, percebe-se que já em 1970 o estádio de São Januário era tratado como ultrapassado, velho, deficiente, porém bem cuidado e conservado.

No ano de 1985, durante um show da banda “Os Menudos”, duas pessoas morreram devido a superlotação do estádio, que contava com mais de 80 mil pessoas no dia do acidente. A partir desse episódio, se intensificaram os debates sobre a necessidade de aumentar as medidas de segurança no estádio, que em dias de jogo, chegou a receber mais de 40 mil torcedores.

Em ambos os casos, o assunto da reforma do estádio veio à tona. Em um futebol onde a arrecadação é cada vez mais importante para montar times competitivos, a ampliação do estádio entra de vez na ordem do dia.

Bairro Vasco da Gama e os diferentes projetos de reforma do estádio (1998-atualidade)

O ano de 1998 é um marco da história do Club de Regatas Vasco da Gama. Para além do ano de seu centenário, foi também o ano da conquista da Libertadores da América. Fora de campo, este foi o ano da criação do bairro Vasco da Gama, através de um projeto de lei que determinava que a área adjacente ao estádio de São Januário deixaria de fazer parte do bairro de São Cristóvão, e passaria a se chamar com o nome do clube. Ferreira (2023, p.1) afirma:

A criação do bairro Vasco da Gama, em 1998, deixa explícita a influência do clube sobre aquela porção do espaço urbano carioca. A começar pelo processo de formação territorial incomum, na cidade do Rio de Janeiro, de nomear um bairro em homenagem a um clube e não o contrário (Bangu, Botafogo, Flamengo, Olaria etc.). A própria escolha do local, surgido a partir do desmembramento de parte do tradicional bairro de São Cristóvão, teve a centralidade concreta e simbólica exercida pelo estádio de São Januário como referencial utilizado para a sua delimitação. Afinal, caso o estádio tivesse sido construído em outra porção da cidade, esta seria escolhida para abrigar o novo bairro.

Por conseguinte, o clima festivo também abarcava um grande projeto de modernização do estádio de São Januário. Uma reportagem⁴ da agência JB, datada de 26 de Agosto de 1998 afirma que houve uma reunião entre diretores clube e duas construtoras (uma colombiana e uma brasileira) para a apresentação de um projeto de reforma que ampliaria a capacidade do estádio em 15 mil lugares, além da construção de um shopping center, auditórios, bares e um museu no complexo esportivo vascaíno. Porém, a mesma reportagem afirma que o projeto não teria agradado a parte da diretoria, devido ao aspecto futurista do projeto (figura 4), que não estaria de acordo com as tradições e superstições do clube. "Imagina se tiramos a capela de lá e o Vasco perde três vezes seguidas? Os associados nos matam. Superstição é coisa séria", afirmou o Vice-presidente geral do clube, Amadeu Pinto da Rocha, para a reportagem.



Figura 4: Projeto de reforma apresentado no ano de 1998. **Fonte:** UOL.

4 <https://www1.uol.com.br/esporte/ultimas/fut260898132.htm>

Outros projetos, com menor repercussão, foram apresentados entre 2007 e 2008. O projeto que apresentou mais desdobramentos e citações na mídia no período foi a reforma do estádio para receber um outro esporte, o Rúgbi, durante os jogos olímpicos do Rio, em 2016. Em um contexto de altíssimos investimentos públicos e privados em estrutura esportiva na cidade, o Vasco da Gama apresentou um projeto para a prefeitura para a reforma do estádio visando ser sede olímpica. Porém, o projeto não foi à frente.

A análise desses projetos (ainda que fracassados) é interessante, pois oferece importantes informações sobre os novos caminhos do futebol brasileiro e mundial. Nas notícias, para além da ampliação da capacidade, a palavra “modernização” norteia o debate, enquanto a palavra estádio começa a ser substituída por “arena”. O presidente do Vasco da Gama entre 2008 e 2014, Carlos Roberto de Oliveira, afirma⁵ que “para fazer uma arena, é preciso melhorar e muito o entorno de São Januário”. Percebe-se nessa frase, novamente, a preocupação com o entorno.

Porém, após o período entre 2014 e 2016, que representou a explosão de novos estádios em estilo “arena” no Brasil, a discussão sobre a reforma de São Januário é tratada como prioritária para o futuro do clube, e por isso chegou de fato à esfera pública. As redes sociais permitem a troca de informações e opiniões, e até mesmo movimentos de torcedores se formam a partir do tema da reforma. No ano de 2023, foi criado o movimento “Nosso São Januário”, que pretende ampliar o debate sobre o modelo de estádio que a torcida deseja, criando um canal de comunicação entre torcedores e o clube.

Atualmente, o projeto que pauta as discussões é o apresentado pela diretoria do clube em 2020 (figura 5), que ampliaria a capacidade do estádio de 25 mil para 43 mil pessoas e custaria até 500 milhões de reais. A fachada neo colonial, protegida como patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro, seria a única estrutura a ser mantida, com uma quase completa remodelação do estádio, em forma de arena.

5 http://www.espn.com.br/noticia/290258_com-sonho-de-transformar-sao-januário-em-arena-projeto-para-rugby-olimpico-fica-em-2-plano



Figura 5: atual projeto de reforma do estádio de São Januário. **Fonte:** globoesporte.com

A reforma depende de investimentos para sair do papel, sendo uma das mais importantes fontes de receita a venda do chamado potencial construtivo. Este mecanismo é usualmente utilizado na construção de grandes empreendimentos, e consiste na venda do seu direito de construir para uma empresa privada, que recebe o direito de construir em uma outra área.

Por conseguinte, o panorama urbano atual é pleno de emaranhados e a reforma de um estádio pode impactar não apenas no seu entorno, mas também em todo o mercado imobiliário da cidade. Afinal, a venda do potencial construtivo do estádio pode ser utilizada para a construção de um empreendimento imobiliário de luxo na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por exemplo.

A atualidade como volta ao passado: o pertencimento e a criminalização de um “estádio raiz”

A construção do estádio de São Januário é cercada de histórias. Para além da simples necessidade de um clube em ter um campo de futebol, o Estádio do Vasco da Gama é resultado também de uma complexa trama que tem como foco principal o embrião do processo de profissionalização do futebol

brasileiro, e passa por questões sociais como o preconceito de classe e o racismo. Mascarenhas (2017, p.1) afirma que

Não são poucos os que o consideram um monumento a democracia racial, sendo este formidável equipamento uma resposta contundente e definitiva do Clube de Regatas Vasco da Gama às seguidas tentativas de sua exclusão do âmbito seletivo da principal liga de futebol da cidade, a recém-fundada AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atlético). De fato, o Vasco foi o primeiro clube a sagrar-se campeão carioca com um time formado por negros e mulatos (e brancos pobres), todos remunerados, ainda que informalmente, desafiando o racismo e o ethos amadorista vigente.

Durante este texto, percebemos que as contradições entre velho x novo, passado x presente, ultrapassado x moderno são parte integrante da identidade do estádio vascaíno desde, pelo menos, a década de 1970. As discussões sobre novas obras e reformas nunca deixaram de existir, devido às mudanças dos padrões de construção de estádios ao longo do tempo e ao formato aberto e incompleto (o projeto inicial do estádio contempla o fechamento do anel das arquibancadas) do estádio.

Porém, quando buscamos entender as principais queixas quanto ao estádio, historicamente percebemos que o acesso é o principal citado. Já atualmente, na era das entrevistas e *podcasts*, não são raros os jogadores que apontam São Januário como o estádio mais assustador do Brasil, devido ao acesso com ruas estreitas e sua proximidade com a favela. Ou seja, mais que uma questão de estrutura interna, talvez a contradição mais duradoura do Estádio seja a sua relação com o entorno.

Isso fica ainda mais claro a partir do caso⁶ que gerou proibição de uso do estádio pelo clube por aproximadamente 2 meses, durante o ano de 2023. Após uma briga de torcidas que ocorreu dentro do estádio, a justiça do Rio de Janeiro manteve a proibição da presença de torcida no estádio alegando que a proximidade com a favela aumenta o risco de problemas no estádio. Porém, segundo Seta (2023) o entorno de São Januário teve o mesmo número de trocas de tiro que o entorno no Maracanã, porém a interdição do mesmo não foi, ao menos, cogitada.

6 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/17/em-parecer-contrasao-januario-juiz-cita-favela-ao-lado-e-torcedores-se-embriagando-sem-jogos-comercio-reclama-de-prejuizo.ghtml>

A torcida e o clube, por sua vez, adotaram o discurso de “clube popular desde as origens” mas de diferentes maneiras. Enquanto o clube exhibe orgulhoso sua história de resistência, explorando-a em peças publicitárias ou em ações sociais, porém se afastando da violência, grupos de torcedores se apegam à uma suposta hostilidade do local para reforçar sua territorialidade (figura 6).



Figura 6: muro no entorno de São Januário. **Fonte:** <https://barrabrava.net>

Conclui-se que o modelo atual de estádio, com grandes arquibancadas de cimento e sem cadeiras, estrutura antiga e até certo ponto hostil, formas curvas, mantendo elementos tradicionais como a capela, é parte da construção da identidade atual vascaína, de clube popular com “estádio raiz”⁷. Porém, os movimentos do futebol e das cidades exigem novas estruturas, as chamadas arenas, mais higienizadas e que oferecem um outro tipo de experiência ao torcedor, além de exigir intensas intervenções no entorno. Portanto, um interessante desafio seria pensar na possibilidade de construir um estádio que seja salvaguarda da memória territorial, mantendo sua relação com o entorno, posto que um patrimônio só tem seu valor dentro de um contexto, e ainda assim atender às exigências da modernidade, em termos de conforto e arrecadação financeira.

⁷ A expressão raiz é utilizada no meio do futebol para designar estádios, formas de ser e de jogar tradicionais, que resistem aos novos conceitos

Referências:

ABREU, M. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987. 147 p.

BEZERRA, Rafael Freitas; MATTOS, Lucas Nascimento de. **Vasco da Gama: 125 anos de uma paisagem popular**. Ludopédio, São Paulo, v. 171, n. 25, 2023.

BEZERRA, Rafael & MESQUITA, Zandor. (2023). A geografia como camisa dez: uma análise da produção do espaço a partir do estádio de São Januário. **Estudos Geográficos Revista Eletrônica de Geografia**. 21. 100. 10.5016/estgeo.v21i1.

FERREIRA, Fernando da Costa. **Bairro Vasco da Gama: onde o futebol e a cidade se encontram**. Ludopédio, São Paulo, v. 171, n. 29, 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. **São Januário, essa força estranha**. Ludopédio, São Paulo, v. 100, n. 20, 2017.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Um jogo de ocupação de espaços: O Club de Regatas Vasco da Gama no caminho da urbanização carioca e o papel do futebol na (re)produção do espaço urbano (1915-1942)**. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SANTOS, Leandro Luís Lino dos. Futebol e urbanização: **A lógica de centralização e concentração de campeões brasileiros**. 2021. 49 f. TCC (Bacharelado e Licenciatura em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

SETA, Vitor. **Interdição de São Januário: arredores da Colina tiveram mesmo número de tiroteios que os do Maracanã em 2023**. O Globo, 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/vasco/noticia/2023/08/17/interdicao-de-sao-januario-arredores-da-colina-tiveram-mesmo-numero-de-tiroteios-que-os-do-maracana-em-2023.ghtml>>. Acesso em: 30, ago. 2023.

SOUZA, G.J.C. “Cá em casa é só por amor” O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas. **Anais do XXIX Simpósio de História Nacional**, p. 1–16, 2017.